



IGREJA DO CARMO, em Itu.
Pinturas internas do Frei
Jesuino do Monte Carmelo,
um artista negro do século XVIII

"De alpendres, talhas e gentes: Arte e Patrimônio como pertencimento" dias 16,17 e 18 de Julho

V CONOPAE • Congresso da Organização Paulista de Arte Educação

V CONGRESSO DA
OPAE
Itu • SP • 2026

A SALA DE AULA ESTÁ EM CHAMAS: COMO IMAGINAR UM TRABALHO PEDAGÓGICO A PARTIR DOS CONFLITOS

Lucas Abrão da Silva¹

Instituto de Artes da Universidade Estadual de São Paulo "Júlio de Mesquita Filho"

RESUMO

O presente artigo se desdobra a partir da ofensa e das suas respostas além da maneira como ela é tratada no ambiente escolar. A partir de um texto cuir-escrito (Ganhito, Poguy, Pacor, 2026), se utiliza do potencial político da imaginação para pensar como trabalhar de maneira pedagógica a ofensa e as discussões em sala de aula, pensando principalmente no reading e no shade, tal como apresentadas em Paris Is Burning (1991) como maneiras de não se criar vítimas silenciadas (Despentes, 2023). O artigo finaliza retornando à realidade, refletindo sobre a aplicabilidade e a maneira com que é possível trabalhar em um sistema educacional que se baseia no sujeito universal (Passos, 2023).

Palavras-Chave: ofensa, práticas queer, pedagogia queer, ballroom.

INTRODUÇÃO

Viado. Essa palavra me seguiu durante todo meu processo escolar. Não importava o que eu fizesse ou falasse. Eu poderia ser o aluno mais inteligente da sala, poderia passar cola, poderia tentar fazer amizade, jogar futebol (mal, mas tentava), enfim, não importava, eu seguiria sendo o viado. Graças a essa palavra, fui entendendo muito cedo que eu era uma pessoa desviante, eu não correspondia à norma. Uma norma que eu não conhecia, ninguém tinha me entregado essa cartilha do que fazer, como agir, eu tinha que ir testando os limites até alguém me chamar de viado e aí eu sabia que eu deveria parar e agir de outra forma, eu queria me normalizar para ser aceito (Preciado, 2018). Esse foi um processo que não foi restrito apenas à escola, minha família fez parte, a igreja fez parte, os vizinhos fizeram parte, as redes sociais fizeram parte, era como se a sociedade se movesse para me dizer: homem não é assim.

¹É artista educador, drag queen e mestrando na linha de Arte e Educação no Instituto de Artes da Universidade Estadual de São Paulo "Júlio de Mesquita Filho". Tem como principais interesses de pesquisa o ensino de arte, teoria queer, práticas pedagógicas desviantes e/ou desobedientes, direitos LGBTQIAP+, práticas de ensino e arte decoloniais e as relações corporais estabelecidas no espaço educacional. lucas_abraodasilva@hotmail.com • lattes.cnpq.br/8931494831971191

Realização:



opae.com.br/

Apoio:



Filiado a:





IGREJA DO CARMO, em Itu.
Pinturas internas do Frei
Jesuino do Monte Carmelo,
um artista negro do século XVIII

"De alpendres, talhas e gentes: Arte e Patrimônio como pertencimento"

dias 16,17 e 18 de Julho

V CONOPAE • Congresso da Organização Paulista de Arte Educação

V CONGRESSO DA
OPAE
Itu - SP - 2026

Demorei dezoito anos da minha vida para aceitar a minha viadagem², ao longo dos anos fui juntando todos os elementos que constituíam aquela palavra – que para muitas pessoas me definia – e pensando o que daquilo fazia parte de mim. Eu só consegui viver de fato as coisas que eu gostava depois de entrar na faculdade e vir para São Paulo. Encontrar na sala de aula em minhes colegas de classe e professor³, outras dezenas de possibilidades de ser que não eram a norma.

Quando retornei a escola, como estagiário dessa vez, muita coisa havia mudado, positivamente. As crianças LGBTQIAPN+ pareciam mais seguras, mais libertas do que quando eu estava no lugar delas. Mas uma coisa não havia mudado, a palavra viado seguia circulando na boca das crianças, como uma ofensa. Na época, não sabia como agir, afinal eu era apenas estagiário, então eu guardava essas aparições para mim.

No ano de 2026, fui contratado pela Prefeitura de São Paulo, iniciando minha jornada como professor, demorou um mês para a palavra viado reaparecer. Estava em sala quando o aluno X⁴ grita: “Você é homofóbico!” para o aluno Y, me assustei de início e fui até ele perguntar o que estava acontecendo e ele me contou que outra criança o tinha chamado de viado. Quando fui questionar Y e pedir que se desculpasse, a resposta foi: “Eu falei isso, mas logo depois x também me ofendeu, ele me falou que minha mãe é feia!”. Conversei com os dois, pedi para se desculparem um com o outro e chamei X para conversar, falei que quando algo assim acontecer, seria mais prudente que recorresse a algum professor ou responsável para que a situação seja resolvida antes de devolver a ofensa.

Assim que cheguei em casa comecei a pensar novamente sobre a situação. Não conseguia acreditar que havia falado para uma criança agir de maneira pacífica frente a uma violência, parecia que eu tinha colocado em pé de igualdade uma ofensa “infantil” e um ato homofóbico. Como eu falei aquilo, como eu aconselhei alguém a seguir um sistema que eu sei que não funciona todas as vezes. E é justamente nas falhas desse sistema que as vítimas vão se silenciando. E é aqui que se inicia a questão ao redor deste artigo, imaginar maneiras de educar para o não silenciamento frente à violência.

² Aqui busco assumir a palavra como uma conotação positiva, não mais como uma ofensa.

³ Sendo este artigo, um artigo que busca imaginar possibilidades educativas ancoradas em pedagogias dissidentes, utilizo o pronome neutro e evito generalizações em diversos momentos.

⁴ Nomeio as crianças envolvidas como letras para que elas não sejam identificadas, trago essa narrativa como uma maneira de mostrar como o tema deste artigo chega até mim.

Realização:



opae.com.br/

Apoio:



Filiado a:





IGREJA DO CARMO, em Itu.
Pinturas internas do Frei
Jesuino do Monte Carmelo,
um artista negro do século XVIII

"De alpendres, talhas e gentes: Arte e Patrimônio como pertencimento"

dias 16,17 e 18 de Julho

V CONOPAE • Congresso da Organização Paulista de Arte Educação

V CONGRESSO DA
OPAE
Itu • SP • 2026

Para imaginar essas maneiras de educar, parto de duas principais metodologias: a primeira, já em prática ao longo do artigo, é o uso da primeira pessoa, com isso, busco “botar meu corpo no texto” (Ganhito, Poguy, Pacor, 2026: 4) em uma cuir-escrita que contamina o texto acadêmico (Ganhito, Poguy, Pacor, 2026). Me colocando no texto, deixo muito evidente o lugar de que falo, qual a minha percepção sobre o que escrevo e a maneira com que ensino. Todas as leituras, experiências e outras práticas narradas passam pelo meu corpo, a seleção de eventos e referências mencionadas é feita a partir do que impacta esse corpo, portanto o lugar dele é dentro do texto. O segundo é o uso da imaginação como metodologia de pesquisa. Jota Mombaça coloca que “tudo que foi construído precisou, antes, ser imaginado” (2021: 67), portanto, a sociedade que vivemos é uma sociedade que foi imaginada, por que, então, não imaginar outras possibilidades dentro dessa sociedade ou imaginar outras sociedades para construir outras realidades?

A EDUCAÇÃO COMO UMA DAS POLÍCIAS DO GÊNERO

Antes de imaginar outras realidades, precisamos olhar a realidade em que estamos inseridos, onde a educação foi construída tendo como base o sujeito universal: o homem branco, hétero e cisgênero (Passos, 2023). A educação vai atuar, portanto, como um dos agentes da polícia do gênero (Preciado, 2018), vigiando cada uma das crianças garantindo que elas sejam seres completamente normativos. Me lembro de um dos momentos da minha infância em que voltando da escola minha mãe me pergunta: “Você brincou de boneca hoje?” – eu havia brincado. Sempre fiz muitas amigas e elas brincavam de boneca, mas respondi que não, porque sabia que minha mãe iria brigar comigo. Fui pego de surpresa quando minha mãe respondeu: “brincou sim, eu sei, a professora me contou”.

Ainda que muita coisa tenha mudado dessa época para cá, escolho acreditar que para maioria des educadores, um menino brincar de boneca não seja um problema, porém muitas outras questões de natureza mais sutil ainda persistem. Uma delas é justamente o silenciamento da vítima. Analisando as violências sofridas por mulheres dentro desse sistema que se baseia no homem branco, hétero e cis; Virginie Despentes coloca que:

Realização:



opae.com.br/

Apoio:



Filiado a:





IGREJA DO CARMO, em Itu.
Pinturas internas do Frei
Jesuino do Monte Carmelo,
um artista negro do século XVIII

"De alpendres, talhas e gentes: Arte e Patrimônio como pertencimento"

dias 16,17 e 18 de Julho

V CONOPAE • Congresso da Organização Paulista de Arte Educação

V CONGRESSO DA
OPAE
Itu - SP - 2026

Somos nós que devemos nos sentir responsáveis. Pelo que acontece conosco, por nos recusarmos a morrer, por termos que viver com isso. Por não nos calarmos. Conhecemos bem essa velha canção, essa que estipula que deveríamos nos sentir responsáveis pelo que acontece conosco (2023: 101-102).

É nessa responsabilização da vítima da violência que leva ao silenciamento que ainda se manifestam as bases normativas dentro da educação. Quando eu disse para X que ele não agiu de maneira adequada para uma vítima, eu o responsabilizo pela violência que ele sofreu. E isso também é agir a favor da polícia do gênero, por colocar a vítima como refém do sistema, que também foi instaurado e pensado para o sujeito universal.

Eu mesmo, fui vítima desse silenciamento. Por anos eu não falava nada a ninguém, porque quando eu levava para algum adulto a pergunta era: "o que você estava fazendo?" – fala que me responsabilizava pela ofensa. E, ainda assim, quando me tornei professor, foi exatamente esse o conselho que eu passei para uma criança, que "[...] é sempre um corpo ao qual não se reconhece o direito de governar" (Preciado, 2018: 97), que não tem nenhuma voz contra o sistema, que não opina sobre como operam sobre ele. Não fui capaz de entender o que me levou a isso, talvez o desejo de não querer ver a criança sendo descredibilizada, como aconteceu, mas que iria acontecer de qualquer forma.

Contudo, quando professorias dissidentes adentram a escola, esse sistema é tensionado. Quando acertamos e quando erramos, nossa presença tem impacto nesse lugar. Sendo assim, qual o futuro de uma nova educação para crianças e adultos dissidentes?

UMA EDUCAÇÃO OUTRA: O *READING* E O *SHADE* E A ARTE DO INSULTO

Assim como Despentes, também "desenvolvi uma paixão pela inversão" (2023: 113), e é isso que pretendo fazer aqui, inverter a partir da imaginação e criar novos cenários que retirem a escola, ou eu, como um dos agentes policiais do gênero. Com isso quero dizer que ao imaginar essa nova escola quero passar longe da moral, dos bons costumes e do sujeito universal. Sendo assim, não quero aqui banir o ato de ofender e de responder a ofensa, mas sim refletir sobre eles.

Entendo os dois atos como vindos de uma necessidade corporal e mental de expressar um sentimento, resultado de uma análise da situação que não deve ser ignorada. A educação que tem como base o sujeito universal valorizou a mente e a separou do corpo (hooks, 2013), o que torna todas as expressões corporais como indignas do espaço educacional, como é o

Realização:



opae.com.br/

Apoio:



Filiado a:





IGREJA DO CARMO, em Itu.
Pinturas internas do Frei
Jesuino do Monte Carmelo,
um artista negro do século XVIII

"De alpendres, talhas e gentes: Arte e Patrimônio como pertencimento" dias 16,17 e 18 de Julho

V CONOPAE • Congresso da Organização Paulista de Arte Educação

V CONGRESSO DA
OPAE
Itu - SP - 2026

caso desse tipo de atitude. Falar abertamente que ninguém deve ofender é cobrar da criança um autocontrole que várias vezes adultos – que são vistos como os seres experientes – tentam educar, mas também não tem. A questão reside em como se ofende e qual o objetivo da ofensa.

Começo esse processo pensando em práticas comunitárias e culturais LGBTQIAPN+ que conversem com a temática da ofensa, o que me levou à cena *ballroom*,

espaço de expressão pessoal, proteção, acolhimento, fortalecimento de identidade de gêneros, moda, arte, dança e cultura, difundido em diversas partes do globo, ganhando contornos distintos em cada território em que aparece. (Palomino, 2024).

Para além de uma cena, o *ballroom* é uma comunidade, muito próxima do que bell hooks (2013, 2020) reforça que precisa ser construída em sala de aula, possuindo sua própria linguagem e hábitos. Sendo, um deles, o *reading* (leitura, em tradução do autor), definido por Dorian Corey em *Paris Is Burning* (1991) como “a fina arte do insulto”.

Contudo, o *reading* não é insultar para ofender, todas as pessoas envolvidas estão inseridas no mesmo contexto de um modo que se cria uma situação de igualdade, em que “se encontra um defeito e o exagera” (*Paris Is Burning*, 1991). Do mesmo jeito que alguém insulta, se demonstra aberte a receber outro insulto como resposta, e até a dar risada com ele.

A tática de *reading*, é uma maneira de treino para quando alguém te atacar verbalmente na rua, você saber como devolver. Tendo como objetivo a resposta ser um choque, já que ninguém espera que uma vítima silenciosa retribua, ainda mais de maneira inteligente e articulada, colocando as duas pessoas envolvidas na situação em pé de igualdade.

Dessa forma, pensando na situação exposta, fingindo que não dei a resposta que dei, agiria da seguinte forma: após o ocorrido, convido X para uma conversa junto com outros alunos que se identificam como LGBTQIAPN+ na escola. Nos reunimos para ouvimos as experiências de cada um⁵, repetimos os encontros por um mês, até que nos sentimos de fato como uma comunidade que criou laços genuínos. Começamos então a trabalhar com o *reading*, o intuito não é afetar, e sim, praticar o olhar atencioso e entender o que se pode exagerar para insultar com o improviso. Depois de algumas semanas estamos prontos para sair na rua sem medo da polícia do gênero que está em cada pessoa normativa.

⁵ “Contar histórias é uma das maneiras que temos para começar o processo de construção de comunidade, dentro ou fora da sala de aula” (hooks, 2020: 89).

Realização:



opae.com.br/

Apoio:



Filiado a:





IGREJA DO CARMO, em Itu.
Pinturas internas do Frei
Jesuino do Monte Carmelo,
um artista negro do século XVIII

"De alpendres, talhas e gentes: Arte e Patrimônio como pertencimento"

dias 16,17 e 18 de Julho

V CONOPAE • Congresso da Organização Paulista de Arte Educação

V CONGRESSO DA
OPAE
Itu • SP • 2026

E se ao invés de trabalharmos o *reading*, trabalhássemos o *shade* (sombra) (Paris Is Burning, 1991)? A forma evoluída de *reading*, em que se ofende de maneira discreta quase imperceptível. Como o exemplo dado por Dorian Corey: “eu preciso dizer que você é feia, você *sabe* que é feia” (Paris Is Burning, 1991), uma maneira extremamente elaborada de ofender, que muitas vezes também é lida com humor, por quebrar a expectativa de um simples “você é feia”. Criar crianças que saibam insultar de maneira humorística.

Fazê-las entender esse ato como algo que os coloca em igualdade, não sobre afetar negativamente alguém, e sim sobre performar de maneira criativa e inteligente um sentimento negativo em relação ao outro, seja raiva, medo ou coisas parecidas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Criar línguas afiadas só é possível em uma educação que não pensa na criança como um ser puro, mas um ser que é também “contaminado” por contexto, assim como esse texto o é. Justamente por essa contaminação, uma criança chama a outra de viado, ela pode até não entender o peso que a palavra carrega quando levada como ofensa, mas entende que ofende e reproduz quando acha que deve machucar outra criança.

Talvez a solução resida justamente em reconhecer o direito da criança de não ser um ser de luz, puro, sem gênero e sem sexualidade. Não criar anjinhos, criar seres humaninhos em todas as suas imperfeições.

Escrevo esse artigo para imaginar outras possibilidades de ensino, práticas que prezam pela inversão de valores e costumes do sujeito universal. Pensando na criança viada que fui, em como talvez eu lidaria com situações de maneira diferente se tivesse encontrado práticas culturais LGBTQIAPN+ quando criança e em como o processo de se entender talvez tivesse sido mais fácil. Assim como Audre Lorde acredito que “o modo como você sente, o modo como você vive, o modo como você compartilha seus sentimentos, é assim que você ensina” (2020: 105). Incluindo sentimentos negativos e situações complexas, não apenas nas belezas e nos amores.

Apesar disso, não vejo Y como uma criança homofóbica (nem consigo conceber que isso exista), como X falou que ele era, vejo como alguém que teve uma atitude homofóbica. Eu não espero, jamais, em uma escola que se define como diversa, que não haja conflitos, eles vão acontecer. E no momento, entendo que preciso me preparar para lidar com eles de

Realização:



opae.com.br/

Apoio:



Filiado a:





IGREJA DO CARMO, em Itu.
Pinturas internas do Frei
Jesuino do Monte Carmelo,
um artista negro do século XVIII

"De alpendres, talhas e gentes: Arte e Patrimônio como pertencimento"

dias 16,17 e 18 de Julho

V CONOPAE • Congresso da Organização Paulista de Arte Educação

V CONGRESSO DA
OPAE
Itu - SP - 2026

maneira pacificadora, por mais que eu realmente ache que isso pode criar vítimas silenciosas e esse é um problema que precisa ser evidenciado.

Omiti uma parte em meu relato que é a categoria em que me encontro dentro da escola, sou um professor módulo, o que significa que entro em sala de aula como professor apenas quando algum colega se ausenta por algum motivo, não consigo desenvolver um trabalho contínuo, apenas ações pontuais. O que me leva a encontrar as salas em situações diferentes todas as semanas, com novos conflitos e de diferentes ordens. Fiz isso de maneira proposital, porque acredito haver uma expectativa de continuidade no trabalho e de conclusão das histórias que eu não consigo ter, apenas imaginar.

Reforço aqui o poder político da imaginação. É muito importante e relevante imaginar outros cenários, possibilidades e atuações. Como ressalta bell hooks (2020: 103) "[...] o que não podemos imaginar não pode vir a ser. Precisamos de imaginação para iluminar aqueles espaços que não são preenchidos por dados, fatos e informação comprovada".

Não consigo, no momento, pensar em como ensinar as crianças a brigarem de maneira respeitosa, muito menos a pensar sobre resolução de conflitos, como se eu não brigasse, como se eu não tivesse conflitos.

O que fica para mim de toda essa situação, é entender que fiz o que consegui naquele momento e talvez eu aja de outras maneiras, caso situações parecidas aconteçam. Pretendo prestar mais atenção nas ações da polícia do gênero que também estão dentro de mim, pretendo não criar novas vítimas silenciosas.

Quem sabe algum dia eu consiga ensinar a fina arte do insulto, através do *reading* e do *shade* para as crianças. Essa pode ser uma forma delas se entenderem como seres autogovernáveis, que sabem o que faz sentido para elas e o que não faz, sabendo como dizer isso, não mais ouvir de forma passiva o que elas podem ou não fazer. Esse, talvez, seja o maior objetivo de se pensar em uma educação que não parte do sujeito universal, que olha para as crianças de maneira diversa, que não forma sujeitinhos universais e sim sujeitinhos diversos que formam comunidades capazes de conviver mesmo com seus conflitos internos e externos.

Realização:



opae.com.br/

Apoio:



Filiado a:





IGREJA DO CARMO, em Itu.
Pinturas internas do Frei
Jesuino do Monte Carmelo,
um artista negro do século XVIII

"De alpendres, talhas e gentes: Arte e Patrimônio como pertencimento"

dias 16,17 e 18 de Julho

V CONOPAE • Congresso da Organização Paulista de Arte Educação

V CONGRESSO DA
OPAE
Itu - SP - 2026

REFERÊNCIAS

DESPENTES, V. *Teoria King Kong*. 3. ed. São Paulo: n-1 edições, 2023.

GANHITO, L. C. P.; PACOR; POUGY, M. Cuir-Escritura, Pesquisa Contaminada: Des/Fazendo Práticas de Investigação em Artes Desde a Borda do Mundo. *Palíndromo*, Florianópolis, v.17, n.43, p.01-30, out. 2025 - jan. 2026.
DOI:<http://dx.doi.org/10.5965/2175234617432025e0008>. Acesso em: 15 mai. 2026.

hooks, b. *Ensinando a transgredir: A educação como prática da liberdade*. 1. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

hooks, b. *Ensinando pensamento crítico: sabedoria prática*. 1. ed. São Paulo: Elefante, 2020.

LORDE, A. *Sou sua irmã*. 1. ed. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

MOMBAÇA, J. *Não vão nos matar agora*. 1. ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

PALOMINO, E. A Cena LGBT+. In: PALOMINO, E. *Babado Forte: 35 anos de cultura jovem no Brasil*. São Paulo: Ubu Editora, 2024. p. 266 - 325.

PARIS is Burning. Direção e Produção de: Jennie Livibgston. Estados Unidos: Miramax Films, 1991 (78 minutos).

PASSOS, M. C. A.. *Pedagogia das travestilidades*. 1. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2022.

PRECIADO, P. B. Quem defende a criança queer?. *Jangada: Crítica | Literatura | Artes*, n. 1(1), 2018. (p. 96 - 99). Disponível em: <https://doi.org/10.35921/jangada.v0i1.17>. Acesso em : 10 jan. 2026.

Realização:



opae.com.br/

Apoio:



Filiado a:

